



REVISTA
CULTURA, ESTÉTICA & LINGUAGENS

Vol. 04, Nº 02 - AGO. 2019



N
O
S



Apresentação

<https://doi.org/10.5281/zenodo.5347846>

As consequências do legado colonial no território de Abya-Yala e/ou nos territórios da diáspora africana continuam moldando e influenciando a cultura contemporânea. Com este dossiê, intitulado “Raça, e (de) colonilidade na cultura, na comunicação e nas artes”, a Revista Nós: Cultura, Estética e Linguagens apresenta textos como pedagogias que exercem uma dinâmica descolonizadora, nos quais a categoria “raça” interpela transversalmente a academia, seus membros e a sociedade em relação a ideologias, estética e suas manifestações culturais e globais.

Além disso, nesta edição, a Revista Nós apresenta um número plural e diverso, dando um grande passo em direção à internacionalização da Revista. Os leitores terão a oportunidade de refletir sobre aspectos étnico-raciais e que abordam a teoria decolonial, a partir de textos oriundos de diversos continentes e áreas.

Para este número, apresentamos 15 artigos, selecionados em uma chamada que conseguiu chegar a vários rincões, reunindo acadêmicos dos Estados Unidos, China, Espanha, Brasil, etc., escritos em três línguas: português, inglês e espanhol. Dos textos selecionados, são 13 artigos e duas resenhas. Este dossiê também convocou a um time de quase três dezenas de pares revisores, de distintas universidades, a quem agradecemos o apoio e colaboração na elaboração deste número; além de uma editora especial para os textos em língua inglesa, Suzanne Harris, Doutora em Comunicação pela Universidade de Hong Kong e pesquisadora independente, radicada em Buenos Aires, Argentina.

A entrevista desta edição, assim como as obras que ilustram as páginas da Revista, são das artistas cubanas, radicadas nos Estados Unidos, mas também muito conhecidas no mundo latino-americano, as *Krudas Cubensi*. Formado por Odaymara Cuesta, Olivia Prendes e Odalys Costa, em La Habana de los anos 1990, o grupo transita entre a música, a pintura, a dança, etc., explorando todas as artes em que possam trabalhar com o feminismo negro, queer e o veganismo.

Os três primeiros textos deste número, abordam as questões étnico-raciais no espaço educativo formal. Assim, a prof. Luciene Dias, da Universidade Federal de Goiás (UFG), reflete sobre o papel do grupo de pesquisa “Pindoba”, como espaço de tensionamento, resiliência, acolhimento e afeto para estudantes negras/os da Faculdade de Informação e Comunicação da UFG. Ainda analisando o mundo universitário, a doutoranda do Programa de Pós-colonialismos e Cidadania Global, da Universidade de Coimbra (Portugal), Jéssica Santana Bruno, analisa a aplicação das cotas étnico-raciais na Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, através da experiência dos sujeitos deste processo, denunciando o racismo epistêmico que ainda domina a Universidade. Já o professor Darwin Balanta García em co-autoria com Ana Lúcia Nunes de Sousa exploram uma experiência prática de inserção de saberes ancestrais e étnico-raciais na educação pública colombiana, também no marco da lei de ações afirmativas do país.

Em seguida, Shanice Brittany Clarke, mestre em Artes pela Universidade do Colorado do Norte e gestora de educação pública em Portland, nos brinda com seu artigo, em inglês, no qual se pergunta sobre as possibilidades do afrofuturismo para atuar como um caminho para a descolonização dos currículos na academia estadounidense. Pensar as possibilidades de criar conexões entre a terra-mãe, África, e

os sujeitos da terceira diáspora, através da figura dos *griots* é a proposta analisada pela doutoranda em Antropologia da Universidade de Campinas, Jordana Alves Barbosa.

O doutor em Comunicação e Jornalismo pela Universidad Autónoma de Barcelona, José Miguel Gámez Pérez, traz um texto desafiador, em espanhol, no qual ousa uma tentativa de cálculo da dívida que os países europeus/centrais teriam com os povos colonizados de Abya Ayla e África. Logo, o psicólogo e mestrando em Psicologia na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Miguel Lacerda Neto, junto a Bruno Alves França, assistente social e doutorando em Serviço Social na mesma universidade, argumentam que o “pardo”/negro de pele clara ocupa um não-lugar na sociedade brasileira.

Fechando a edição, temos um bloco de artigos que analisam aspectos culturais relacionados à questão étnico-racial e decolonial. Começando pela excelente e instigante análise da série “*Game of Thrones*”, apresentada em inglês, que analisa a representação das identidades dos personagens não negros da série. Os autores, Bruno Lovric, doutorando em Comunicação e professor da University of City de Hong Kong; e Miriam Hernández, professora assistente da Universidade do Estado da Califórnia, lançam um olhar único à série. Já Bruno Soares Ferreira, professor da Universidade Federal do Maranhão, doutor em Comunicação e Cultura pela UFRJ, analisa os arquivos audiovisuais da capoeira, centrando nos seus aspectos de oralidade e memória. Este artigo dialoga bastante com trabalho de Jordana Alves Barbosa, sobre os *griots*.

Em seguida, viajamos para a Espanha e a autora, Gabriela Marques Gonçalves, doutora em Comunicación Audiovisual e Publicidad por la Universidad Autónoma de Barcelona, analisa o discurso anticigano no cinema, focando no filme “Carmen e Lola”, lançado em 2018 e premiado em vários festivais do mundo. O filme, assim como as declarações de sua diretora, geraram uma reação contrária do movimento cigano

espanhol. O artigo, escrito em espanhol, nos permite pensar como a representação da “outredade” por sujeitos brancos tem sido sempre carregada de estereótipos negativos e como contribui para o aumento do racismo. Mais um artigo em espanhol deste dossiê analisa a representação de sujeitos subalternos nas artes. Porém, desta vez, Maikel Colón Pichardo, historiador cubano, radicado em Barcelona, doutorando em Literatura Comparada, na Universidad Autónoma de Barcelona, reflete sobre os estereótipos raciais que incidem sobre a representação das mulheres negras e “mulatas” na literatura cubana contemporânea.

O artigo de Yasmin Pereira Yokenura, doutoranda no Programa de Pós-graduação em Inglês, da Universidade Federal de Santa Catarina, propõe uma análise multiplataforma, englobando uma imagem do filme *“El abrazo de la serpiente”*, do diretor colombiano Ciro Guerra; e três fotografias da artista paraense, Naiara Jinkns. Através destas imagens, a autora propõe uma análise decolonial, tendo a Amazônia como cenário. O penúltimo texto do Dossiê é assinado pelas professoras Iara Pires Viana — geógrafa, doutoranda em Estudos do Lazer pela Universidade Federal de Minas Gerais — e Rosane Pires Viana — mestre em Teoria da Literatura — apresentam uma revisão bibliográfica sobre a mulher negra no cinema, interpelando as obras de Frantz Fanon e bell hooks.

Fechando a seção de artigos, temos o intrigante artigo do professor moçambicano Jerónimo Alfredo Cháuque, que explica como a comunidade Changana, do norte do país, utiliza-se da nomeação dos cães para significar uma ampla rede de contextos e enunciados, que podem referir-se a aspectos diversos e profundos de sua sociedade, transformando-se em um meio vivo e circulante de mensagens.

Ainda nesta edição, temos duas resenhas. A primeira, assinada pelo mestrado Humberto Martins de Souza, aborda o livro *“Renovar a Teoria Crítica e Reinventar a*

Emancipação Social”, publicado em 2007, pelo sociólogo Boaventura de Souza Santos. O livro é um clássico do pensamento pós-colonial, merecendo a atenção desta publicação. Já Rebeca Patrícia Mendonça Machado, nos traz uma resenha da obra, recém-publicada no Brasil, da autora nigeriana Chimamanda Ngozie Adichie. O livro “Para educar crianças feministas” (2017), dá uma série de “conselhos” sobre como poderia ser possível uma educação feminista para meninos e meninas. Vale a pena a leitura de ambas.

Organizar este dossiê foi um trabalho árduo, realizado a várias mãos, que durou quase um ano, envolvendo cerca de 50 pessoas, entre autoras/es, pares revisores e editores em outros idiomas. Assim, é um prazer apresentar-lhes um dossiê tão diverso, amplo e profundo. Esperamos que aproveitem a leitura e que os textos aqui publicados possam se tornar referência para analisar as questões étnico-raciais a partir de um ponto de vista decolonial.

As editoras do Dossiê

Ana Lúcia Nunes de Sousa

Karo Moret-Miranda



Pintura Odaymar: Pensamientos